

O BRAZILIAN ENGLISH E O (G)LOCAL DA CULTURA: algumas implicações para o ensino de li no contexto brasileiro

Raulino Batista Figueiredo Neto¹

Resumo

O presente trabalho pretende discutir alguns dos aspectos relativos à expansão da Língua inglesa e, sobretudo, o processo de regionalização/glocalização linguo-cultural do inglês utilizado no Brasil. Apesar de não situar-se na esfera dos países anglocolonizados, observamos no Brasil a irrupção de uma regionalização materializada, principalmente, nas enunciações ocorridas no uso do inglês como língua franca (ILF). Normalmente associada ao círculo externo², a regionalização do inglês tem resultado nas mais diversas interações, ao mesmo tempo em que atende à miríade de funções sociais características da liquidez globalizante da pós-modernidade. Nesse sentido, objetivamos discutir o *status* do *Brazilian English*, as questões atinentes ao ensino de inglês como língua estrangeira e a postura ideológica deste em relação à variedade brasileira do inglês.

Palavras-chave: Glocalização. Inglês como língua franca. Enunciações. *Brazilian English*.

Abstract

The present article aims at discussing some of the outstanding aspects related to the spread of the English Language and, above all, the linguacultural process of regionalization /glocalization of the English used in Brazil. Despite of not being situated in the sphere of anglocolonized countries, we do observe in Brazil the arousal of some sort of regionalization brought out through the utterances produced in the use of English as a Lingua Franca (ELF). Mostly associated to the outer circle, the regionalization of English has been noted in a wide range of interactions, as well as addressing a great deal of social functions which are intrinsic to the post-modern global flow. Thus, we intend to discuss the status of Brazilian English, the aspects related to the teaching of English as a foreign language and the ideological posture concerning the Brazilian variety of English.

Keywords: Glocalization. English as Lingua Franca. Utterances. Brazilian English.

¹ Professor Auxiliar do Colegiado de Língua Inglesa – UNEB – Campus XIV, Mestrando em Língua e Cultura, UFBA, Salvador, BA. Correio eletrônico: raulnetto1@yahoo.com.br

² Expressão cunhada por Kachru (1985) e que diz respeito aos países anglocolonizados nos quais a língua inglesa passou a ter *status* de língua oficial, juntamente com a língua ou línguas locais. Juntamente com essa expressão, Kachru ainda definiu o chamado “círculo interno”, o qual relaciona-se aos países cujos falantes são designados como falantes nativos do inglês, a exemplo dos Estados Unidos e Inglaterra e o “círculo em expansão”, esfera na qual situam-se todos os outros países nos quais a língua inglesa é ensinada/aprendida como língua estrangeira, a exemplo do Brasil.

Introdução

“O traço mais visível da identidade linguística nesses tempos pós-modernos é a mestiçagem, da qual nenhuma língua escapa hoje em dia” (RAJAGOPALAN, p. 61, 2008). É com essa assertiva, numa clara alusão aos processos de globalização/regionalização, que Rajagopalan esquadrinha os aspectos relativos às noções de língua e identidade no vórtice da pós-modernidade. É, pois a partir desse signo, o da mestiçagem, que vislumbramos no *Brazilian English* a materialização de uma inglesidade¹ semioticamente localizada² e, portanto, permeada pelos aspectos históricos e sócio-culturais da língua-cultura brasileira. Tal afirmação, longe de ser considerada ponto pacífico, ainda suscita forte rejeição por parte expressiva do *Establishment* do ensino de línguas no Brasil; no qual ainda prevalece o paradigma idealista representado pelo falante nativo. Essa abstração, calcada em grande medida na adoção do Ensino de Inglês como Língua Estrangeira³ (EILE), daqui por diante, inscreve-se numa lógica binária na qual o aprendiz/usuário de língua inglesa (LI) é classificado em termos valorativos como bom ou ruim, proficiente ou inapto; tudo isto estabelecido por uma escala de valores determinada pelo nível de proximidade com a língua *standard*. Em outras palavras, quanto mais neutralizadas as idiossincrasias linguo-culturais da língua materna, melhor avaliado será esse aprendiz.

A lógica abstracionista do falante ideal a que fizemos referência advoga em favor da supressão do que Viana (2003) denomina “sotaque cultural”, expressão que nos auxilia, sobremaneira, na constituição de uma imagem representativa da identidade da língua-cultura brasileira na língua-cultura inglesa. A questão que se coloca na práxis de EILE é, portanto, signatária da instituição da noção de língua na perspectiva de um monolinguismo idealizado, isto é, espera-se do aprendiz/usuário de língua inglesa, por mais contraditório que isto pareça, uma completa “higienização” dos elementos intrínsecos à língua materna que venham a se materializar no processo enunciativo da língua inglesa a exemplo do léxico, pronúncia e fusões sintáticas. Parte significativa dessa pedagogia, parece-nos, advém da admissão da língua estrangeira, não como algo a ser domesticado, mas como algo que domestica a língua-

¹ Termo que aqui relacionamos às diferentes características do inglês em virtude de sua expansão. Nesse sentido, entendemos que há nos usos operados na língua, traços visivelmente associados às línguas-culturas com as quais estabelece contato.

² A noção de semioticamente localizado relaciona-se à capacidade do falante em ressignificar (refletindo e refratando) a língua-cultura que se põe em contato com a sua língua materna.

³ A perspectiva que ainda prevalece no ensino de inglês como língua estrangeira afilia-se à noção paradigmática do falante ideal. Essa prevalência, no entanto, não inviabiliza a existência de posturas menos essencialistas na seara desse ensino.

cultura materna, estabelecendo uma relação assimétrica e instituindo uma espécie de totemização da LI, na qual a *mimesis* da língua passa a ser o objetivo maior; numa espécie de culto ao belo que não admite quaisquer outras formas que venham a “degenerar a beleza/pureza da língua”. Nessa perspectiva, a díade beleza/pureza reside na reprodução fiel dos aspectos que vão da pronúncia perfeita, (leia-se *standard*), à gramática castiça.

Seguindo essa lógica, o que ainda vislumbramos na filosofia de EILE no Brasil é a perspectiva de emulação do anglocentrismo¹, o que institui o modelo de aculturação de Schumann² (1978) como o ideal para a neutralização do sotaque cultural a que fizemos referência. Esse posicionamento nos auxilia na constatação de que o ensino de inglês tal como se estruturou no Brasil desde o século XIX, inculcou na sociedade a ideia de que para falar uma língua estrangeira é preciso transformar-se no estrangeiro, amaneirando-se a ele e expurgando qualquer interferência “deletéria” que ponha em risco a decantada pureza da língua estudada. Esse raciocínio cuja celebração do outro implica no apagamento do eu, isto é, na supressão das vozes e idiossincrasias da língua-cultura materna, acarreta, (para além das questões políticas e econômicas nas quais têm origem), numa completa exclusão do dialogismo e no conseqüente exercício/equilíbrio entre o eu e o outro. Dito de outro modo, a postura anglocêntrica de nossa práxis é em grande medida a responsável pelo processo que nos leva a querer ser o outro sem antropofagizá-lo, sem torná-lo “caldo de preparo” para a construção e legitimação de uma identidade do terceiro lugar³, local onde a confluência de línguas-culturas, ao invés de implicar na perda de uma pureza mítica, celebram a diversidade e o bilinguajamento⁴.

Partindo desse prelúdio, as considerações ora propostas pretendem viabilizar uma reflexão em torno do inglês produzido no contexto brasileiro e de sua conseqüente glocalização⁵. Além disso, objetivamos fomentar uma discussão no tocante ao EILE e às novas demandas do inglês como língua franca, elementos que ainda apresentam profundas divergências quanto à concepção de língua e de seus usos. Nesse sentido, o presente texto estabelece uma interlocução com as noções de glocalização, interculturalidade, falante

¹ Termo tomado de Phillipson (1992).

² Expressão cunhada por Schumann (1978) que postula (entre outros aspectos) a preservação da identidade cultural para a aquisição da segunda língua, como algo negativo. Opondo-se a essa preservação da identidade cultural do aprendiz, Schumann sustenta que a assimilação à cultura da segunda língua converte-se como fator positivo para o processo de aquisição.

³ A identidade do terceiro lugar, aqui utilizada, relaciona-se à noção de “terceiro lugar” introduzida por Kramsch (2001).

⁴ A referida expressão alinha-se a perspectiva de Mignolo (2003) para quem o bilinguajamento seria o lugar onde coexistem diferentes saberes e sujeitos culturais.

⁵ Termo cunhado por (ROBERTSON, 1992 apud KUMARAVADIVELU, 2008) que se refere à regionalização/localização do global e à globalização do local.

intercultural, bem como dos demais aspectos que competem para a compreensão do *Brazilian English* como variedade de pleno direito¹.

1. Isto aqui ô ô é um pouquinho de Brasil iá iá²

Não há como entender o fenômeno de expansão da língua inglesa sem associá-la à questão colocada por Rajagopalan (2013)³ para quem o inglês já transcendeu os limites do que chamamos de língua, para assumir a posição de fenômeno de comunicação. Tal afirmação parece estabelecer contornos ainda mais precisos quando trazemos à baila questões atinentes à glocalização do inglês como aspecto responsivo ao processo de globalização da língua. Segundo essa lógica “[...] a homogeneização e a heterogeneização estão ocorrendo ao mesmo tempo, mergulhando o mundo em uma tensão criativa e caótica que resulta no que Robertson chamou de glocalização, onde o global está localizado e o local está globalizado” (KUMARAVADIVELU, 2008, p. 134).

É, pois, diante dessa tensão caótico/criativa a que se refere Kumaravadivelu (2008) e da desterritorialização que transforma a LI em língua apátrida, que rumamos para uma compreensão da LI como elemento inescapavelmente ligado ao descentramento e à hibridez. Nesse sentido, na condição de língua transfronteiriça, a LI passa a ser propriedade daquele que dela se utiliza, nos mais variados contextos, entre os quais destacamos o brasileiro. Tomando esse contexto como o espaço relacional entre a língua-cultura inglesa e a língua-cultura brasileira, torna-se fundamental a compreensão em torno da inglesidade advinda dessa relação, isto é, dos usos glocalizados e materializados sob a forma de enunciação.

Entre os usos comumente associados a essa inglesidade diaspórica, podemos destacar o papel das adaptações lexicais e do conseqüente estabelecimento de um neologismo refletido, sobretudo, na atribuição de novos sentidos para palavras e expressões já existentes e consolidadas, isto é, palavras e expressões que já dispõem de uma vida sígnica em sua língua-cultura de origem. Tal recurso parece representar uma espécie de domesticação da língua, a qual se vai desestrangeirizando à medida que a relação de forças estabelecida pelo contato/confronto entre as línguas cede lugar a novos signos, a novas imagens e acepções. Um

¹ Chamamos atenção para o fato de haver na materialização da LI no contexto brasileiro uma multiplicidade de falares que variam quanto ao nível de conformidade à normatividade da LI, mas que apresentam, em algum momento, as marcas de sua língua-cultura materna seja na sintaxe, no uso vocabular ou na pronúncia.

² Título emprestado de trecho da canção (Isto aqui o que é) de Ary Barroso.

³ Comunicação proferida por Rajagopalan durante o II SEFELI (Seminário Formação de Professores e Ensino de Língua Inglesa) em Junho de 2013.

exemplo emblemático dessa domesticação pode ser visto na palavra *teacher*, substantivo utilizado pelos falantes brasileiros de LI como forma de dirigir-se ao professor¹; algo que na perspectiva anglo-insular, acontece mediante o uso de pronomes de tratamento (*Mr.* ou *Mrs.*) seguido do último nome². Assim, ao invés de mimetizar o falante nativo médio, o aprendiz/usuário lança mão daquilo que Ashcroft (1989) vem a chamar de “dispositivos da outridade” (ASHCROFT, 1989 apud BHATT, 2005). Tais dispositivos, responsáveis pela glocalização da LI, incluem entre outros aspectos a fusão sintática, os neologismos, os aspectos prosódicos, entre outros. Ainda nesse quesito Bhatt (2005, p. 38) assinala que “O poder da LI através de sua hibridez utiliza-se tanto dos recursos globais quanto locais, permitindo aos falantes da língua transitar livremente entre as identidades local, nacional e internacional”.

Destarte, o que observamos nesse processo é análogo à antropofagia oswaldiana, isto é, servindo-nos da outridade e adicionando-a a nossa própria identidade, damos-lhe novos contornos e nova substância, numa devoração crítica e, por isso mesmo, transformadora. Assim, de posse dessa percepção, compreendemos esse contato/confronto linguo-cultural como um movimento de apropriação e reelaboração no qual os aspectos intrínsecos à idiomatidade da LI, leia-se – anglocentricidade – são ressignificados e postos em circulação. Visto por esse ângulo, o uso empreendido por aprendizes/usuários de LI, atende às demandas sociais presentes nas mais diversas interações, aí incluindo-se o inglês como língua franca³ (ILF) e a variante que parece dele decorrer; o *Brazilian English*. Para Crystal (2010)

Quando um país adota uma língua como meio local de comunicação alternativa, ele começa imediatamente a adaptá-la para que esta vá ao encontro das necessidades comunicativas da região. Palavras para as plantas e animais locais, comida e bebida, costumes e práticas, política e religião, esportes e jogos e muitas outras facetas da vida diária logo acumulam um estoque vocabular que é desconhecido fora do país e de seu habitat⁴. (CRYSTAL, 2010, p. 12)

A afirmação de Crystal traz à baila um aspecto fulcral para a LI produzida no Brasil, ou seja, apesar das adaptações e ressignificações decorrentes das necessidades locais, estamos como assinala Certeau (2012), inescapavelmente ligados à estrutura e ao mesmo tempo,

¹ *Hello, teacher* Roberto

² *Hello, Mr.* Silva

³ Apesar das variadas definições existentes para o termo, nos alinhamos a uma perspectiva que entende o ILF como uma língua veicular que é falada por pessoas cuja língua materna não é o inglês.

⁴ Esta e as demais traduções de Crystal (2010) são de nossa autoria.

When a country adopts a language as a local alternative means of communication it immediately starts adapting it to meet the communicative needs of the region. Words for local plants and animals, food and drink, customs and practices, politics and religion, sports and games, and many other facets of everyday life soon accumulate a local wordstock which is unknown outside the country and its environs.

podendo, criativamente, desviá-la. Desse modo, vemos na regionalização da LI e nas diferenças dela decorrentes, a possibilidade real da negociação do significado e do (re)conhecimento do próximo linguístico, não como emulação de um padrão de inglesidade, mas como alteridade constituída e constitutiva. Dito isto entendemos que o inglês glocal produzido no Brasil, assim como ocorre com qualquer língua, é originário de duas operações simultâneas que Bakhtin (2010) vem a chamar de reflexão/refração. Nessa perspectiva tomamos o fenômeno da refração como condição *sine qua non* do signo linguístico, isto é, não há significado sem refração. Posicionando-se em relação a esse aspecto Faraco (2003) assevera que isso ocorre em razão de as significações não estarem no signo em si, mas constituídas na dinâmica da história, sendo estabelecidas pela diversidade de experiências dos sujeitos, com suas contradições, valores e seus interesses sociais. Complementarmente a essa afirmação ele ainda diz:

Com a dinâmica da história, cada grupo em cada época recobre o mundo com múltiplas significações e diferentes vozes sociais que participam dos processos de significações, daí resultando as inúmeras semânticas, as várias verdades, os vários pontos de vista e posições com que atribuímos sentido ao mundo. (FARACO, 2003, p. 52)

Assim, a partir desses conceitos, passamos a admitir o processo de regionalização da LI no contexto brasileiro como fenômeno decorrente da refração signíca a qual estão sujeitos todos os complexos semióticos, a exemplo do *Brazilian English*. Isto dito, vislumbramos nessa variante a materialização de um dizer legítimo que não é castiço (seja lá o que isto queira representar), mas que traz consigo o sincrético e o mestiço, tudo isso consubstanciado pelo paradoxo fluído de um mudar-permanecendo¹.

2. Ensino de LI no Brasil: o inglês glocal sob o signo da derrisão

“Ou eu sou um sábio ou um mágico, ou falo mais inglês do que vocês pensam”².

Com essa afirmação, como resposta aos comentários derrisórios em relação ao seu inglês, Joel Santana posiciona-se criticamente diante da repercussão de uma entrevista dada

¹ O paradoxo em questão dialoga com a perspectiva ensejada pelos usos da LI no contexto brasileiro, isto é, apesar da reflexão e refração signícas presentes na relação entre línguas-culturas, aquilo que enunciamos é, apesar da movência, “um permanecer”, isto é, continua sendo inglês; um inglês permeado pela historicidade de que somos construto.

² Excerto de entrevista retirado de programa televisivo veiculado pelo youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=DsvDYe5Cog4>

em inglês, quando atuava como técnico da seleção sul-africana de futebol. Sem querer implicar na exclusão das duas primeiras alternativas listadas por Joel, parece-nos pertinente considerar a terceira possibilidade como aquela que faz justiça ao lugar ocupado por ele (Técnico de uma seleção sul-africana falante da LI¹). Quando diz que talvez fale mais inglês do que pensamos, é como se questionasse: como pude me comunicar com falantes de LI, entendendo e sendo entendido no comando de uma seleção? No entanto, o que parece prevalecer entre leigos e expertos, falantes e não falantes de LI, é a não-conformidade do inglês de Joel ao ideal anglocentrista que tem o falante nativo como paradigma. Nesse sentido, as reações de escárnio advindas do inglês de Joel Santana, ao invés de representarem um aspecto episódico, são na verdade uma constante no cenário brasileiro, espalhando-se das ruas às escolas de LI país afora, colocando a língua na condição do que Certeau (2012) chamou de “Mitologia do originário”.

Assim, analisando as questões relacionadas às inglesidades diaspóricas, (nas quais repousam a maior parte das críticas advindas do EILE), David Crystal (2010) em artigo intitulado *New Englishes: going local in Brazil*, traz à tona uma oportuna compreensão da variedade brasileira de LI. Esta compreensão auxilia na admissão dessa inglesidade como variedade de pleno direito, isto é, mantendo com as outras vozes do discurso uma relação de simetria². Nesse sentido os usos glocalizados de LI seriam tão legítimos quanto o são as variedades anglo-insulares. Destarte, o referido autor segue afirmando:

Quando um grupo de pessoas em um país (a exemplo de estudantes, professores ou empresários) comunica-se em inglês, quaisquer que sejam as razões, o conteúdo de suas interações inevitavelmente incorpora alguns aspectos de seu habitat. Eles falam das lojas locais, de suas ruas e arredores, roteiros de ônibus, instituições, negócios, programas de televisão, jornais, partidos políticos, grupos de minorias e muito mais. Eles fazem piadas, citam provérbios, evocam memórias linguísticas da infância (canções de ninar) e relembram as letras de canções populares. Todo esse conhecimento local é intrínseco e usado em sentenças sem glosa. (CRYSTAL, 2010, p.12)³

¹ Adicionamos a isso o fato de essa LI estar situada não no círculo interno, mas no círculo externo.

² A simetria a que nos referimos diz respeito à necessidade de respeitar o outro do discurso sem hierarquiza-lo ou subalterniza-lo em virtude de quaisquer diferenças reveladas na enunciação.

³ *When a group of people in a country (such as students, teachers, or businessmen) switch into English, for whatever reason, the subject-matter of their conversation inevitably incorporates aspects of their local environment. They talk about the local shops, streets, suburbs, bus routes, institutions, businesses, television programmes, newspapers, political parties, minority groups, and a great deal more. They make jokes, quote proverbs, bring up childhood linguistic memories (such as nursery rhymes, and recall lyrics of popular songs. All this local knowledge is taken for granted, and used in sentences without gloss.*

Assim, diante das projeções de brasilidade imiscuídas no Inglês como Língua Franca, (*alma mater* do *Brazilian English*¹), somos conclamados a compreender o inglês produzido no contexto brasileiro como complexo semiótico e, portanto, como entidade legítima. No entanto, entendemos que a filosofia do EILE no Brasil ainda opera na hierarquização e subalternização da diferença, instituindo a derrisão/exclusão das vozes que não reproduzem o mesmo tom monocórdico de seu canto orfeônico². Assim, o silenciamento dessa inglesidade diaspórica acaba materializando um maior recrudescimento da anglocentricidade no ensino de LI e do conseqüente estabelecimento de um discurso autocrático e, portanto, homogeneizador.

Deste modo, apesar de figurar como uma das razões para a postura do EILE, não nos deteremos nas questões econômicas que fazem da língua um *commodity* multibilionário. Essa faceta do ensino, (que engloba desde as franquias aos materiais didáticos), já é bastante conhecida entre nós. Assim, seria interessante voltar nosso olhar para outras questões que concorrem igualmente para a derrisão do inglês glocal. Dito isto, é possível elencar entre os aspectos que contribuem para a postura anglocentrista, a noção de segurança ontológica³. Inscrito nessa perspectiva, o ensino de LI no Brasil parece alinhar-se ao conforto metafísico do isto **ou** aquilo⁴, ao invés de situar-se na idéia do híbrido, ou seja, daquele que é isto e aquilo. Esse conforto metafísico presente na idéia de **certo ou errado**, ainda tem representado o corolário ideológico do ensino de LI, para o qual não existem linhas de fuga⁵. Destarte, precisamos trazer para a cena do ensino, uma compreensão do aprendiz/usuário de LI, não como falante de uma língua conspurcada e fossilizada, mas como falante intercultural e, por isso mesmo, semioticamente localizado, em outras palavras, é no jogo ininterrupto entre o endógeno e o exógeno que se vai tecendo e retecendo o fio de Ariadne de nossa inglesidade (que é labiríntica e tão cheia de nuances quanto os são quaisquer línguas-culturas). É preciso entender que a mestiçagem de que fala Rajagopalan (2008), não é uma opção, mas uma condição da pós-modernidade. Portanto, além de inócuo, arbitrar em favor de uma LI anglo-insular no contexto brasileiro, converte-se como algo quixotesco, e apenas atende a interesses vetustos e homogeneizadores.

¹ Por não estar situado no círculo externo (no qual estão os países anglocolonizados), prevalece no Brasil o uso do inglês como língua franca, de onde se origina, no nosso entendimento, a gênese de uma variedade sócio-culturalmente localizada.

² Espécie de canto coral que remonta à idade média e que popularizou-se no Brasil no século XX durante a era Vargas como estandarte de uma ideologia nacionalista.

³ A noção de segurança ontológica que aqui tomamos, relaciona-se à tendência em fixarmo-nos a determinados construtos teóricos como algo imanente e, portanto, inquestionável.

⁴ Apropriamo-nos aqui do título do famoso poema “Ou isto ou aquilo” de Cecília Meireles, para ilustrar a questão da segurança metafísica.

⁵ Termo tomado de Delleuze e Guatari (1995).

Isto posto, entendemos o *Brazilian English* como uma materialização sincrética de entidades linguo-culturais das quais a negociação e o trânsito são aspectos imanentes e transcendentais. A respeito dessa hibrididade (BHABHA, 2000 *apud* SOUZA, 2010, p. 301) afirma:

A hibridização não é algo dado, encontrável num objeto ou numa identidade mítica 'híbrida' – é uma forma de conhecimento, um processo de compreender ou perceber o movimento ambíguo e ansioso de trânsito ou transição que necessariamente acompanha qualquer forma de transformação social sem a promessa de clausura celebratória, até mesmo conflitantes, que acompanham o ato de tradução cultural.

Tal afirmação auxilia no desmonte do essencialismo ainda arraigado às práticas monoculturais e homogeneizantes do ensino de línguas, viabilizando o olhar sociológico da desnaturalização dos regimes de verdade nos quais apenas importa a lógica binária do certo/errado, proficiente/deficiente. A mesma lógica que, aliás, contribui para a mofa dos usos da LI operados no contexto brasileiro.

3. Considerações finais

As reflexões aqui ensejadas buscaram o estabelecimento de uma discussão pautada nos aspectos contributivos para a formação do *Brazilian English* e do *status* que lhe é atribuído tanto no cenário de EILE quanto na visão dos teóricos da Linguística Aplicada, aí incluindo-se o(s) *World English(es)* e o Inglês como Língua Franca. As considerações relacionadas à glocalização da LI partiram, sobretudo, da miríade de exemplos na seara do uso intercultural de LI no Brasil e das valiosas contribuições de estudiosos como Bhatt (2005), Crystal (2010) Rajagopalan (2008, 2013) e Michel de Certeau (2012).

Assim, estabelecendo um diálogo com esses e demais teóricos procuramos reverberar o posicionamento crítico e reflexivo em torno das concepções de língua e das epistemes nas quais repousam tais concepções. Isto posto, torna-se fundamental a adoção de um ensino que valorize a diferença nos moldes do que nos propõe Derrida¹ (1995) e que a estabelece, ao largo de seu postulado, como entidade legítima e constitutiva *da* linguagem e *na* linguagem. Dessa forma, tomar o *Brazilian English* e a glocalização de seus usos como signos derrisórios

¹ A noção de diferença a que nos referimos associa-se ao neologismo derridiano representado pela palavra *différance* e que implica numa espécie de dessemelhança e, por isso mesmo, de alteridade.

equivale a tratar a diferença como algo inferior e, portanto, subordinada a uma presença que se coloca como entidade superior e reificadora.

Referências

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BHATT, R. M. Expert discourses, local practices, and hybridity: The case of Indian Englishes. In A. S. Canagarajah (Ed.), **Reclaiming the local in language policy and practice**. Routledge, 2005, p. 25-54.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papirus, 2012.

CRYSTAL, D. New Englishes: going local in Brazil. **12nd BRAZ-Tesol National Convention**. The art of teaching, São Paulo. Julho 19-22, 2010, p. 1 - 2.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. V.1. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto costa. São Paulo: Ed. 34, 1995.

DERRIDA, Jacques. **A Escritura e a Diferença**. Trad. Maria Beatriz da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1995.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar, 2003

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFJG, 2003.

KACHRU, B. Standards, codification and sociolinguistic realism: the English language in the outer circle. **English in the World: Teaching and Learning the Language and Literatures**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

KRAMSCH, C. **Context and culture in language teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1993.

KUMARAVADIVELU, B. A linguística aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, LP da (Org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 129-147.

PHILLIPSON, R. **Linguistic imperialism**. Hong Kong: Oxford University Press, 1992.

RAJAGOPALAN, Kanavillil . **Por uma Linguística Crítica: Linguagem, Identidade e a Questão Ética** - 2ª ed. 2ª. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

SCHUMANN, J. H. The acculturation model for second-language acquisition. In: GINGRAS, R. C. (Org.) **Second Language-acquisition & foreign language teaching**. Washington: Center for Applied Linguistics, 1978.p. 27-49.

SOUZA, Lynn Mario Trindade Menezes de. **Cultura, Língua e Emergência Dialógica**. Letras & Letras (UFU. Impresso), v. 26, p. 289-306, 2010.

VIANA, Nelson. **Sotaque cultural: uma proposta para compreensão de traços culturais (re)velados na interação em língua estrangeira**. Tese de Doutorado, Belo Horizonte: UFMG, 2003.